

**Girolamo Fracastoro, poeta da sífilis:  
contribuições para a medicina italiana do século XVI**

***Girolamo Fracastoro, poet of syphilis:  
contributions to 16th century Italian medicine***

Karine Simoni<sup>1</sup>

Universidade Federal de Santa Catarina

Desde os tempos mais remotos, e nas mais variadas sociedades, a incumbência da medicina é zelar para que a sua matéria-prima – o corpo humano – cumpra harmoniosamente suas funções, ou, se for o caso, esforçar-se para recuperá-lo quando o seu bem estar é ameaçado. Para isso, estar ciente de como o corpo funciona é fundamental, e o modo como cada sociedade elabora e transmite esse conhecimento tem mudado radicalmente ao longo do tempo, sem que tenhamos, mesmo hoje, respostas para todas as questões, apesar de todos os avanços da ciência.

Elemento comum a praticamente todas as sociedades é o fato de que, ao lado das pessoas acometidas por algum mal físico, seja doença ou machucado, existia alguém disposto/a a ajudá-la. Nas sociedades cronologicamente mais distantes, a doença era um grande mistério, tratada com auxílio de práticas mágicas, geralmente conduzidas por mulheres (MADERNA, 2017, p. 09); medicamentos feitos de elementos naturais; preceitos religiosos; enquanto as lesões físicas, por serem visíveis, eram menos misteriosas e mais fáceis de serem entendidas, embora nem sempre fáceis de serem tratadas. Essa maneira de entender as práticas médicas teria existido pelo menos até o início do século XX, como afirma Roy Porter ao discorrer sobre o papel da medicina:

Dos gregos à primeira Grande Guerra Mundial, seu trabalho foi simples: lutar contra doenças letais e sequelas grosseiras, assegurar nascimentos de crianças vivas e lidar com a dor. Ela tem executado essas tarefas não controversas, na maior parte das vezes, com sucesso parcial e insuficiente [...] os triunfos e as tentativas da Medicina moderna podem ser compreendido somente dentro de um processo histórico. (2008, p. 09)

Nessa obra o autor propõe questionar o papel social e político da medicina a partir da perspectiva de quem a controla; por isso ele aponta a necessidade do

---

<sup>1</sup> Doutora em Letras (2009) pela Universidade Federal de Santa Catarina. Professora Associada da Universidade Federal de Santa Catarina, Departamento de Língua e Literatura Estrangeira. Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Ciência da Linguagem, da Universidade Federal do Rio de Janeiro. E-mail: kasimoni@gmail.com

conhecimento histórico “sobretudo porque se queremos compreender que rumos ela está tomando agora – suas prioridades, fundamentos e regulamentos – é crucial que tenhamos uma perspectiva histórica de como ela será”. (2008, p. 06) Caberia ainda lançar um olhar sobre a forma estética das narrativas médicas escritas ao longo dos séculos, como podemos estudá-las em seu contexto, que transformações sofreram para chegar até nós.

Com base nessas premissas, a reflexão que aqui apresento, embora tenha surgido no âmbito dos Estudos da Tradução<sup>2</sup>, tem como objetivo fazer alguns apontamentos a respeito da contribuição de Girolamo Fracastoro (1476 ou 1478 –1553), médico, poeta, filósofo, astrônomo que circulou no Norte da Itália, para a história da medicina, a partir da contextualização de duas obras em especial: sua composição poética mais conhecida, *Syphilis sive de morbo gallico* [Sífilis, ou o mal francês], e o seu tratado médico *De contagione et contagiosis morbis et curatione* [Sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento], também este o mais conhecido do gênero na sua produção.

Os dois textos foram publicados com intervalo de dezesseis anos. O poema em versos hexâmetros sobre a sífilis foi escrito em 1521 e publicado em 1530, e, dividido em três livros, mais uma dedicatória ao linguista e amigo Pietro Bembo (1470-1547), trata da natureza e do tratamento da homônima doença venérea, assim denominada por Fracastoro inspirado na história do pastor Sífilo, que teria sido punido com uma terrível doença que deformava o corpo por ter ofendido Apolo. No primeiro livro, composto por 469 versos, Fracastoro disserta sobre a putrefação como origem da sífilis e sobre o seu contágio; no segundo e no terceiro, com respectivamente 458 e 419 versos, delinea os sintomas e os possíveis tratamentos<sup>3</sup>. Teria sido justamente o estudo e a denominação da sífilis a dar reconhecimento a Fracastoro: segundo John Henderson, o autor “foi quase beatificado nos séculos XIX e XX por estudiosos de doenças venéreas que identificaram o histórico veronese como pioneiro da identificação da ‘sífilis’, embora esse termo tenha sido usado apenas recentemente”<sup>4</sup>. (2006, p. 73)

---

<sup>2</sup> Esse estudo foi feito no âmbito da pesquisa de pós-doutorado (agosto 2019 - julho 2020) na Pós-graduação em Ciência da Literatura, Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), sob a supervisão do Prof. Dr. Marco Lucchesi. A pesquisa teve como objetivo fazer a tradução comentada e anotada para o português brasileiro do tratado *De contagione et contagiosis morbis et curatione* [Sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento] (1546), de Girolamo Fracastoro.

<sup>3</sup> Utilizo aqui a edição em italiano FRACASTORO, Girolamo. *Sifilide ossia del mal francese*. Traduzione, introduzione e note Fabrizio Winspeare. Firenze: Leo S. Olschki, 1955.

<sup>4</sup> “Fracastoro, infatti, fu quasi beatificato nell’Otto e nel Novecento dagli studiosi delle malattie veneree che individuaronlo nello storico veronese il pioniere dell’identificazione della “sifilide”, sebbene questo termine sia stato utilizzato solo di recente.” Tradução minha. Doravante, todas as traduções do italiano para o português serão de minha autoria.

O texto em prosa, em forma de tratado e com tema sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento, foi publicado em 1546 e também é composto por três livros, além de uma dedicatória ao cardeal Alessandro Farnese (1520-1589). O primeiro livro contém 13 capítulos divididos em 29 páginas, nas quais o autor trata do que é o contágio e suas causas, e expõe analogias e diferenças entre os contágios. O segundo livro está dividido em 15 capítulos dispostos em 42 páginas, que contém as características que, acredita-se, mais acometiam os habitantes da península itálica no período: febre, varíola, tuberculose, peste, raiva, sífilis, elefantíase, lepra. Por fim, o terceiro e último livro, dividido em 11 capítulos de 46 páginas, dispõe dos métodos de tratamento para cada tipo de doença<sup>5</sup>.

Além destes textos, fazem parte do conjunto de sua obra composições literárias e tratados médicos e filosóficos<sup>6</sup>, como *Naugerius sive De poetica* [Navagero. Diálogo sobre a poética], *Turrius sive De intellectione* [Turrio, ou o conhecimento], o *Fracastorius sive De anima* [Fracastoro. Sobre a alma], *Risposta del crescimento del Nilo* [Resposta sobre o crescimento do Nilo], *Trattato inedito in prosa sulla sifilide* [Tratado inédito em prosa sobre a sífilis], além do já citado *De contagione*. Seus escritos atestam uma formação e atuação interdisciplinar, aberta aos gregos, latinos, árabes e humanistas, como procurarei mostrar.

Nascido nas proximidades de Verona, Fracastoro estudou na Universidade de Pádua, onde graduou-se em Artes em 1502 e em Medicina em 1505. Ficou encarregado, até 1509, da função de professor de lógica e “*consiliarius anatomicus*”, uma espécie de conciliador nos debates e conflitos entre os partidários de diferentes escolas filosóficas, como alexandrinos, escolásticos e averroístas. Foi uma época, segundo seus biógrafos, em que teve contato com nomes como o filósofo Pietro Pomponazzi, que teria começado as traduções de Aristóteles, o médico e filósofo Alessandro Achillini, tradutor das obras de Averroes, o linguista Pietro Bembo e o astrônomo e matemático Nicolau Copernico, de quem foi colega. É este também o século em que circularam Leonardo, Galileu, Vesali, Michelangelo; despontam as Academias de ciências e de letras, os estudos matemáticos e de arquitetura, surgem os primeiros hortos botânicos,

---

<sup>5</sup> Utilizo aqui a edição em italiano FRACASTORO, Girolamo. *Il contagio, le malattie contagiose e la loro cura*. Traduzione, introduzione e note Vincenzo Busacchi. Firenze: Leo S. Olschki Editore, 1950. O tratado foi originalmente escrito em latim.

<sup>6</sup>As informações biográficas aqui expostas foram pesquisadas em CRUPI, Gianfranco. Girolamo Fracastoro. In: ROSA, Alberto Asor. *Letteratura Italiana. vol. 19. Dizionario degli autori D-M*. Torino: Giulio Einaudi, 2008. p. 197; e em PELLEGRINI, Francesco. *Vita di Girolamo Fracastoro con la versione di alcuni suoi canti*. Verona: Stamperia Valdonega, 1952.

intensifica-se o estudo do corpo humano e dos astros, o europeu chega às Américas. (MILZA, 2007, p. 487-489) As fronteiras do conhecimento no ambiente em que Fracastoro viveu estavam, portanto, em profícua expansão e, embora, ao que parece, ele tenha transcorrido sua vida somente no Norte da Itália, mostra-se integrado às tendências do seu período, em especial no que tange ao saber médico, chamado de “século de Ouro” da escola médica paduana, ou seja, momento em que Pádua era o centro do Renascimento científico assim como Florença era o cerne do Renascimento artístico. (ZAMPIERI, 2019, p. 45)

O epíteto de *poeta da sífilis* (D’AURIA, 2019) de imediato indica alguma possível relação entre poesia e doença, poesia e medicina, e, de fato, na sua obra é bastante visível, especialmente na *Syphilis*, o interesse pela junção de duas áreas – poesia e medicina – aparentemente tão diversas. Essa aproximação pode ser explicada dentro da perspectiva do que significava ser um *homem do Renascimento*, aquele que confluía em si o estudo da filosofia, das artes, das letras, das ciências. O chamado *humanista* condensa alguns dos aspectos mais importantes do pensamento e do saber do Renascimento, assim explicados por Nicholas Mann:

Isto significava que estudava o que era conhecido na época como gramática e retórica, mas que consistia realmente em literatura, poesia, história e a habilidade de se comunicar clara e convincentemente. [...] O estudo das humanidades marcou uma ruptura decisiva com o currículo tradicional da universidade centrado de forma exaustiva em ensinar lógica e métodos repetitivos. As humanidades tinham tendência para enfatizar os valores seculares mais que os transcendentais. O humanista quer fosse estudante ou erudito estava menos preocupado em estudar metafísica e teologia que em tentar compreender a ação humana [...]. (2006, p. 16-17)

Chamado de “o grande senhor da cultura do século XVI [...] figura das mais representativas da Itália do primeiro Renascimento”<sup>7</sup> (PELLEGRINI, 1953, p. 123), como o homem do Humanismo explicado por Nicholas Mann, Fracastoro evidenciava o estudo e a observação das causas particulares dos fenômenos como forma de encontrar as respostas de que necessitava. Considerava o Universo “como um todo complexo e harmonioso, caracterizado por um movimento interno que surgia de causas físicas e leis

---

<sup>7</sup> “il gran signore della cultura cinquecentesca [...] figura delle più rappresentative dell’Italia del primo Rinascimento”.

naturais bem determinadas”<sup>8</sup> (D’AURIA, 2019, p. 59), afastando-se, dessa maneira, das crenças segundo as quais causas ocultas determinavam a chegada e a profusão das doenças. É o que podemos identificar, por exemplo, nesse excerto do tratado sobre o contágio, as doenças contagiosas e o seu tratamento, em que Fracastoro disserta sobre os indícios dos contágios, que podem ser previstos, segundo ele, a partir da observação de como se configuram os planetas, ou das características do ar, da presença incomum de certos animais e da movimentação das águas:

Quando no céu vocês veem essas astros chamados de planetas tentarem se unir, porque acontece com frequência que os planetas do norte e do sul se unem, então saibam que nessa parte haverá grandes mudanças ao redor da terra, antes haverá grandes umidades e a produção de numerosos vapores que exalam da terra e das águas, depois grandes secas consecutivas devido ao desaparecimento dos vapores e à combustão que ocorre ao redor da terra e no ar. [...]

Também devemos observar as outras constituições do ar mais baixo e, de fato, devemos suspeitar quando os ventos do meio-dia sopram mais, quando se vê uma escuridão singular ocupando uma determinada região além da medida, ou se, por fim, o ar está escuro ou empoeirado a ponto de fazer o sol ficar triste. Também devemos estar muito atentos quando vemos o vento vir de uma região onde houve uma pestilência; não apenas devemos temer, mas também fugir quando os objetos, colocados ao ar livre, como roupas e lençóis, se alternam.

As águas também nos dão seus indícios, quando os rios transbordam e por muito tempo estagnam e deixam os lugares pantanosos e lamacentos e quando os mares depositam muitos peixes mortos na praia. Também a terra, quando gera muitos insetos, nos anuncia putrefações que, se não foram todas absorvidas naqueles animais, declaram que ela contém contágios, isso mostram principalmente os gafanhotos por causa de sua reprodução inumerável e quase infinita. Isso é um indício não apenas de uma grande putrefação, mas também de uma nova: eles se erguem quase como um exército imenso e voam para certas regiões que devastam amplamente e onde frequentemente morrem [...]<sup>9</sup> (1950, p. 28-29)

---

<sup>8</sup> “come un tutto complesso e armonico, caraterizzato da un movimento interno che scaturiva da cause fisiche e leggi naturali ben determinate.”

<sup>9</sup> “Quando nel cielo vedete questi astri che si chiamano pianeti cercare di unirsi, perché spesso accade che dei pianeti settentrionali e australi entrino in congiunzione, allora sappiate che in quella parte avverranno dei grandi mutamenti attorno alla terra, prima delle grandi umidità per la produzione di numerosi vapori che esalano dalla terra e dalle acque, poi delle grandi siccità consecutive a causa della sparizione dei vapori e per la combustione che si produce intorno alla terra e nell’aria. [...]

Bisogna notare anche le altre costituzioni dell’aria inferiore e infatti bisogna sospettare o quando i venti del mezzodì soffiano di più, quando vedrete delle oscurità singolari occupare una certa regione oltre misura, o se infine l’aria è fosca o pulverulenta da rendere il sole a lungo triste. Bisogna anche massimamente stare in guardia quando si vede il vento venire da una regione dove vi è stata una pestilenza; non solo bisogna temere, ma ancora fuggire quando gli oggetti, messi all’aria aperta, come gli abiti, i lini, si alterano.

Marie-Christine Pouchelle, ao dissertar sobre a medicina no período, afirma que “o naturalismo, induzido pela filosofia aristotélica, preconizava a observação do real por ele mesmo, definindo-o por seu aspecto concreto, acessível aos sentidos”. (2002, p. 163). Outro exemplo desse modo de compreender o mundo e o corpo humano pode ser visto na seguinte descrição da tuberculose, presente no *De Contagione*:

Mas os sintomas de um pulmão já putrefato são sempre evidentes: pequenos pedaços do órgão não costumam aparecer, emitidos com o cuspe do paciente? No pulmão já afetado pela doença, os indícios não são tão óbvios, mas, mesmo assim, quando você vê a doença prolongar-se, aparecerem cuspes horríveis de ver, cheirar ou parecer humor corrompido, quando as bochechas ficam rosadas, então você pode saber que o pulmão já está apodrecendo, especialmente se a tuberculose foi contraída por contágio. Você terá os indícios desta infecção por contágio se pesquisar diligentemente as causas. São semelhantes às contagiosas aquelas contraídas por herança dos genitores e é de espantar que em algumas famílias até a quinta e a sexta geração membros tenham morrido da mesma doença e alguns na mesma idade<sup>10</sup>. (1950, p. 55)

Embora hoje boa parte das ideias de Fracastoro tenha sido suplantada, é notável em seu pensamento a busca por encontrar explicações lógicas para as doenças, e não nos castigos ou provações divinas; a necessidade de compreender o mundo, incluindo o corpo humano, através da observação dos fatos; a relação entre o equilíbrio do meio natural e o surgimento de doenças, conhecimento este advindo também do estudo do passado, como podem testemunhar as várias referências históricas e mitológicas presentes nos seus textos. Essas referências, aliás, além de servirem como exemplo, contribuem para a realização de hipóteses sobre o futuro, como a que se vê no capítulo desse mesmo tratado, em que fala sobre a sífilis: “Antes de tudo, não deve surpreender

---

Le acque anche ci danno il loro indizii, quando i fiumi straripano e a lungo stagnano e lasciano i luoghi paludosi e fangosi e quando i mari depongono molti pesci morti sulla spiaggia. La terra anche quando genera molti insetti, ci annuncia delle putrefazioni che, se non sono state assorbite tutte in quelli animali, dichiarano chi ella contiene dei contagi, principalmente ciò mostrano le locuste a causa della loro riproduzione innumerevole e quasi infinita. Indizio questo non solo di una grande putrefazione ma anche di una nuova: esse si alzano quasi come un esercito immenso e volano in certe regioni che devastano largamente e dove spesso muoiono”.

<sup>10</sup> “Ma i sintomi di un polmone già putrefatto sono sempre evidenti: non appaiono spesso dei piccoli pezzi dell'organo, emessi con lo sputo del malato? Nel polmone già colpito da malattia, gli indizii non sono così manifesti, ma tuttavia quando vedete il morbo prolungarsi, apparire degli sputi orribili alla vista, puzzare o sembrare umore corrotto, quando le gote divengono rosee allora voi potete sapere che il polmone già si putrefà, soprattutto se la tisi è stata contratta per contagio. Voi potrete avere gli indizii di questa infezione per contagio se ricercherete diligentemente le cause. Sono simili alle contagiose quelle che si contraggono per eredità dai genitori ed è cosa meravigliosa che di certe famiglie fino alla quinta e la sesta generazione membri siano morti della medesima malattia ed alcuni alla stessa età.”

que novas e incomuns doenças apareçam em certos períodos, ainda não transportadas de uma região para outra, mas geralmente por causas intrínsecas”<sup>11</sup>. (1950, p. 63)

A observação e o estudo dos fenômenos da natureza eram necessários, portanto, para lançar luz também às leis que regiam o funcionamento do corpo humano. Ao falar sobre determinados tipos de germes, fica evidente a integração entre o meio externo e o organismo humano no processo do contágio e conseqüentemente adoecimento do corpo: “Talvez neles [nos germes] exista também uma antipatia pelo organismo, não apenas pela parte chamada material, mas também pela parte espiritual, que pode causar a fuga dos espíritos e também do calor que contém a justa combinação dos humores; para isso, esses humores podem acima de tudo determinar a putrefação.”<sup>12</sup> (1950, p. 18)

No século de Fracastoro, apesar dos sinais evidentes de mudanças no estudo e compreensão do corpo – advindas, por exemplo, da intensificação dos estudos anatômicos advindos da dissecação de cadáveres, o que possibilitou um conhecimento mais avançado do interior do corpo humano –, Hipócrates e Galeno continuaram a ser estudados como grandes autoridades médicas, assim como Avicena. Fica evidente que Fracastoro segue a teoria dos humores estabelecida por Hipócrates e Galeno, segundo a qual a saúde dependeria do equilíbrio entre os quatro humores, a saber: bile negra, representada pelo elemento terra, de natureza fria e seca; sangue, representado pelo ar, de natureza quente e úmido; fleuma, representado pela água, de natureza fria e úmida, e, por fim, a bile amarela, cujo elemento seria o fogo e seria de natureza quente e seca. (ROONEY, 2013, p. 22-23) Dependendo do tipo de humor predominante no organismo, o indivíduo desenvolveria determinadas características de personalidade e seria propenso a determinadas doenças<sup>13</sup>. Em Fracastoro, o desequilíbrio dos humores, além de causar doenças, permitiria que os germes do contágio se sentissem atraídos e invadissem o corpo debilitado, o que, em última instância, causaria o mal; embora essa não seja uma condição absoluta, pois “nada impede alguém que esteja perfeitamente bem, com os humores e todo o resto equilibrado, contraia o contágio de outra pessoa”<sup>14</sup>. (1950, p. 83)

---

<sup>11</sup> “Anzitutto dunque non deve restare meraviglia il fatto che nuove e insolite malattie appaiono in certe epoche, non già trasportate da una regione ad un'altra, ma generalmente per cause intrinseche.”

<sup>12</sup> “Forse in questi vi è anche una antipatia verso l'organismo, non soltanto per la parte detta materiale, ma anche verso la parte spirituale che può mettere in fuga gli spiriti ed anche il calore che contiene la giusta combinazione degli umori; per essa questi umori possono soprattutto determinate la putrefazione.”

<sup>13</sup> A teoria dos humores permaneceu como a base tanto para o diagnóstico como para o tratamento das doenças até o século XIX. (ZAMPIERI, 2019, p. 51)

<sup>14</sup> “Niente infatti impedisce che uno che sta perfettamente bene ed è regolato negli umori e nel resto contragga tuttavia il contagio da un altro.”

Faço um parênteses para indicar que, ao que parece, uma questão de tradução começou a questionar a primazia de Hipócrates e Galeno no século de Fracastoro. Segundo Anne Rooney, os textos de Galeno tornaram-se acessíveis na Europa no séc. XI, em latim, mas não em tradução direta do grego, e sim via traduções, comentários e versões em árabe. O ano de 1490 teria assinalado novas traduções de Galeno e em 1525 teria sido publicado o próprio texto grego, que permitiu uma comparação mais direta com as edições em latim disponíveis. O entusiasmo inicial pela maior acessibilidade às ideias de Galeno foi, aos poucos, cedendo espaço ao descrédito quando os “erros” de tradução começaram a ser notados. (2013, p. 25) Aliás, o próprio Fracastoro sentiu-se compelido a ir além de Galeno e Hipócrates, quando, no prefácio de *De Contagione*, escreve:

Hipócrates também parece ter tocado em alguns pontos relativos ao contágio nas doenças epidêmicas entre as pessoas; mas ele era mais um observador do que um estudioso de sua natureza. Galeno, depois dele, colocou muitas coisas em evidência, mas, no entanto, nem ele, nem seu seguidor Paolo d’Egina, e nem Ezio Amida ou outros autores antigos deixaram, como me parece, muitas coisas de grande interesse. Os autores mais recentes parecem não ter dito nada mais sobre o contágio a não ser que ele está relacionado a alguma propriedade oculta.<sup>15</sup> (1950, p. XIII)

Retorno à ideia de *poeta da sífilis* e da relação entre poesia e conhecimento médico em Fracastoro para assinalar a escrita do seu tratado *De contagione*, produto da sua maturidade e considerada sua obra mais importante, publicado em 1546<sup>16</sup>, dezesseis anos depois da publicação da composição poética *Syphilis sive de morbo gallico*. Uma das razões pelas quais escreveu os tratados sobre a sífilis, cujo conteúdo é muito próximo ao poema sobre a sífilis, e também o *De Contagione*, no qual amplia o foco

---

<sup>15</sup> “Anche Ippocrate sembra aver toccato alcuni punti riguardanti il contagio nelle malattie che sono epidemiche fra il popolo; ma egli è stato piuttosto un osservatore che uno studioso della loro natura. Galeno poi, dopo di lui mise in evidenza molto, ma tuttavia né lui, né il suo seguace Paolo d’Egina, né Ezio Amida o gli altri antichi autori hanno lasciato, come mi sembra, molte cose di grande interesse. Gli autori più recenti sembra che del contagio non abbiano detto altro che esso è in rapporto con qualche proprietà occulta.”

<sup>16</sup> Vale lembrar que no momento da publicação do *De Contagione* Fracastoro estava envolvido com o Concílio de Trento (1545 a 1563). Um fato relevante na sua biografia é ter sido nomeado médico do Concílio pelo papa Paulo III, momento este que consolida a sua reputação profissional. Nessa função, por causa de uma epidemia de febre tifoide que ocorria na região, Fracastoro aconselhou a mudança da sede do Concílio para Bolonha, no que foi atendido e mostra a sua credibilidade. PASTORE, Alessandro. Il consulto di Girolamo Fracastoro sul tifo petecchiale. In: PASTORE, Alessandro; PERUZZI, Enrico. (orgs.) *Girolamo Fracastoro. Fra medicina, filosofia e scienze della natura*. Atti del Convegno Internazionale di studi in occasione del 450 anniversario della morte (Verona-Padova, 9-11 ottobre 2003). Firenze: Istituto e Museo di Storia della Scienza, 2006. p. 91-101.

para outras doenças, foi responder às duras críticas que recebera por parte de alguns contemporâneos, como afirma em carta endereçada a G. Amalteo: “os meus estudos e pensamento não estão apenas no fazer versos, como esses médicos caluniadores gostariam que se acreditasse”.<sup>17</sup> (PELLEGRINI, 1953, p. 50) Veja-se, a título de exemplo, a forma como Fracastoro apresenta o chamado *legno santo* [árvore santa], também chamada de pau santo ou árvore da vida, que seria a grande aposta no tratamento e cura da sífilis, no início no terceiro livro do poema da *Syphilis sive de morbo gallico*, versos 4 -11:

Cantar agora eu devo os grandes presentes e a Santa  
Árvore trazida de desconhecidas órbitas e que foi a única a  
Acabar com as dores e colocar fim aos sofrimentos.  
Então, agora, divina Urânia, adore a sagrada  
Selva e que, com a cabeleira adornada de folhas frescas, você goste  
De percorrer o Lácio envolvida em vestes médicas  
Para a todos os povos mostrar os ramos da árvore Santa,  
E goste de narrar coisas nunca antes vistas por nossos avós<sup>18</sup>. (1955, p. 93)

O caminho para o tratamento e cura da sífilis, doença que teria manifestado um grande surto em vários lugares da Europa no início do século XVI, deveria concentrar-se, segundo Fracastoro, nos métodos menos agressivos, como as decocções da chamada *árvore santa*. Trata-se do *guaiacum*, ou guaiaco, utilizada pelos indígenas americanos da América Central para o tratamento de infecções, com poderes anti-inflamatórios e antioxidantes, que teria sido introduzida na Espanha no início do século XVI como um potente recurso contra a sífilis – de fato, para Fracastoro a planta é “um dom quase divino”<sup>19</sup> (1939, p. 203) – para combater o mal que, segundo ele e seus conterrâneos acreditavam, teria sido inserida na Itália por soldados franceses que, adentrados na península contaminados, a teriam espalhado por meio das casas de prostituição. Ao que parece, existiram várias hipóteses sobre o surgimento da doença, como aliás o próprio Fracastoro escreve no *De Contagione*:

---

<sup>17</sup> “li miei studi e pensieri non sono sempre in far versi come questi medici calunniatori vorrebbero che si credesse.”

<sup>18</sup> “Cantare or degg’io degli dei i grandi doni ed il Santo  
Arbor che fu trasportato da ignoto Orbe e che solo  
Diè modo e requie a i dolori e pose fine ai travagli.  
Or dunque, divina Urania, fa che la sacra tu adori  
Selva e, col crine adorno di fronda novella, ti piaccia  
Trascorrer del Lazio il solo, avvolta in medica veste  
E ai popoli tutti mostrare i rami dell’albero Santo,  
E piacciati cose mai viste dai nostri avi narrare.”

<sup>19</sup> “Un dono quasi divino”.

Os gauleses nos devolvem a injúria e a chamam *mal italiano*; os espanhóis, *mal português*; os alemães, ora “*mevio*”, ora “*francês*”; alguns, com um novo nome de *pudendagra*, porque começa nas partes vergonhosas, como a “*mentagra*”, uma doença nova entre os antigos que foi assim chamada por Plínio porque começava do queixo. Nós, em nossos versos, a chamamos de *sífilis*. Aqueles que descobriram o Novo Mundo, durante a navegação dos espanhóis, relatam que esta doença, tão nova em nosso continente, é muito difundida em certas regiões. Lá, esse contágio é generalizado e não é menos frequente do que seja para nós a psora<sup>20</sup>. (1950, p. 59, grifos meus)

Se Fracastoro escolheu publicar suas ideias sobre as origens, o contágio e o tratamento da sífilis primeiro em poesia e só depois em prosa, reescrevendo e ampliando suas ideias posteriormente em *De Contagione*, possivelmente ele teria acreditado na forma poética como uma estrutura em potencial para falar de tais assuntos. Por outro lado, sente-se encorajado, pelas críticas ou por algum outro motivo, a (re)escrever suas ideias em forma de prosa, como uma espécie de autotradução cujo foco e ao mesmo tempo resultado seria uma escrita mais livre das normas poéticas vigentes no seu tempo. É o que vemos na introdução do seu tratado sobre a sífilis, em que se dirige a Pietro Bembo, principal linguista do período:

Depois de eu já ter-lhe escrito em poesia sobre a sífilis, ó digníssimo Bembo, aqui está outro trabalho que me foi oferecido: uma vez que, enquanto o poeta, cujo dever e objetivo é dizer com simplicidade coisas perfeitas, submete o tema ao discurso; outros, por outro lado, podem subordinar o discurso ao tema [...] o poeta, por obrigação, omite muitas coisas, ou seja, tudo o que não é adequado para adornar e modificar o discurso e para lançar luz sobre o tema tratado. Tendo verificado isso, de modo que muitas noções necessárias à compreensão do assunto foram omitidas por serem impossíveis de serem expostas poeticamente, considere o caso de escrever-lhe novamente sobre o mesmo assunto, subordinando, porém, com um estilo mais livre, o discurso ao assunto a ser tratado, para que nada do que é importante para o conhecimento de um assunto tão necessário permaneça omitido<sup>21</sup> (1939, p. 149).

---

<sup>20</sup> “I Galli ritorcono a noi l’ingiuria e lo chiamano male italiano: gli spagnoli, male portoghese, i tedeschi, ora “*mevio*”, ora “*gallico*”; alcuni, con un nuovo nome pudendagra, perché comincia dalle parti vergognose, come la “*mentagra*”, malattia nuova presso gli antichi che fu così chiamata da Plinio, perché cominciava dal mento. Noi, nei nostri versi, l’abbiamo chiamata sifilide. Coloro che scoprirono il nuovo mondo, durante la navigazione degli spagnoli, riferiscono che questa malattia, così nuova al nostro continente, è molto diffusa in certe regioni. Là questo contagio è molto diffuso e non è meno frequente di quanto non sia presso di noi la psora.”

<sup>21</sup> “Dopo averti già scritto in poesia intorno alla sifilide, o eccellentissimo Bembo, ecco che ancora un nuovo lavoro a me si è offerto: imperocchè, mentre il poeta, di cui l’ufficio e lo scopo è il dire con semplicità cose perfette, assoggetta la materia al parlare, altri invece può subordinare il parlare alla materia [...] che il poeta, per dovere, ometta molte cose e, cioè, tutto quanto non è atto ad adornare e modificare il discorso e a far riflettere l’argomento trattato. La qual cosa pure essendosi per me verificata, per cui molte nozioni necessarie all’intelligenza dell’argomento furono omesse come impossibili ad

A preocupação de Fracastoro em tornar o conhecimento acessível e possivelmente para se sentir mais reconhecido é, assim, maior do que a própria escolha inicial de escrever sobre o assunto em forma de poesia, por isso a transformação do texto de verso em prosa. Além disso, é bastante evidente que o texto em poesia contém elementos que o tratado em prosa ignora, como a presença de elementos da mitologia clássica romana, como deuses e deusas, ninfas, sabinas, paisagens de bosques, mares e jardins, o que parece indicar que, ao reescrever em prosa, Fracastoro tenha optado em dar um caráter mais “científico” ao texto, eliminado tudo o que fizesse parte do universo da imaginação e da escrita mais “regrada”, e detendo-se a descrever mais longamente as suas ideias. É o que poderíamos lançar como hipótese após comparar a parte do poema em que ele discorre sobre o guaiaco e a forma como ele descreve a mesma planta no *De Contagione*:

Esta árvore chega até nós de uma ilha no novo mundo, chamada Pequena Espanha, e das ilhas adjacentes onde esta doença é muito comum. O melhor vem da chamada Ilha Beata. Várias qualidades são conhecidas e é preciso saber reconhecê-las, uma vez que nas primeiras vezes foram trazidos troncos grandes, compactos e muito antigos, que continham muito preto e pouco branco, e agora recebemos galhos recém-cortados nos quais há muito branco e pouco preto; estes são muito mais amargos, mais adstringentes. Os antigos troncos eram mais azedos do que amargos ou adstringentes e ainda mais resinosos. Nas primeiras vezes, era descartada a primeira casca, e agora essa também é comprada a um preço maior, em preferência ao restante da madeira.

Essa árvore parece muito eficaz contra todas as manifestações dessa doença, pois é composta de partes muito finas e partes quentes até a terceira potência, secas, e, por fim, são resinosas; portanto, pode ser dissecada de todas as maneiras: com o calor, com secura e por imbibição. Também pode provocar o suor, volatilizar e dissolver a matéria, purificá-la e, finalmente, como é também resinosa, pode se opor fortemente à putrefação e ao contágio. Também parece ter outra propriedade farmacêutica, a de habitualmente liberar o corpo.<sup>22</sup> (1950, p. 119-120)

---

essere poeticamente esposte, ritenni fosse il caso di nuovamente scriverti sullo stesso argomento, subordinando però con più libero stile il parlare alla materia (da trattarsi), affinché non resti omesso nulla di quanto è importante per la cognizione di un così necessario argomento.”

<sup>22</sup> “Quest’albero ci viene da un’isola del nuovo mondo, chiamata Piccola Spagna e dalle isole adiacenti in cui questa malattia è molto frequente. Il migliore ci viene dall’isola chiamata Isola Beata. Varie qualità sono note e bisogna saperle riconoscere, poichè nei primi tempi venivano portati dei tronchi grandi, compatti, vecchissimi che contenevano molto nero e poco bianco, ora riceviamo dei rami tagliati da poco nei quali c’è molto bianco e poco nero; questi sono molto più amari, più stiptici. Gli antichi tronchi erano più agri che amari o stiptici e anche più resinosi. Nei primi tempi si scartava la prima scorza, mentre ora viene acquistata anche a maggior prezzo a preferenza del restante legno.

Quest’albero pare efficacissimo contro tutte le manifestazioni di questa malattia, poichè è costituito di parti sottilissime e di parti calde alla terza potenza e secche e infine è resinoso; può dunque disseccare in

O percurso entre a publicação do poema *Syphilis sive de morbo gallico* até o tratado em prosa *De Contagione*, como já destacado, foi realizado em cerca de dezesseis anos. Se no primeiro vemos uma preocupação do autor para com a forma, a observação da métrica, a utilização de elementos da mitologia greco-latina, no segundo encontramos sobretudo a preocupação com a informação – seja ela médica, histórica, herborística. Embora as obras denotem duas maneiras diferentes de tratar do mesmo assunto – contágio, doença e tratamento – o desenvolvimento das reflexões de Fracastoro parece ser contínuo e até retilíneo, como se nota, por exemplo, na mesma divisão estrutural das obras, cada qual composta por três livros cujos assuntos são, respectivamente, contágio, descrição da(s) doença(s), tratamento. Fracastoro, o poeta das doenças, é também um médico poeta, formado no cruzamento de várias culturas: os acenos às mudanças contemporâneas e a visão do passado greco-latino-árabe. Vale lembrar que as primeiras narrativas médicas são originárias da China, da Índia, da Mesopotâmia e do Egito, de onde foram levadas à Grécia, que por sua vez, com Hipócrates, estabeleceu as bases da Medicina moderna. Posteriormente, a cultura árabe tomou o legado dos médicos gregos e o fundiu com princípios da medicina indiana, egípcia e bizantina; novamente esse saber médico, já acrescido de novos avanços, foi levado de volta para Europa, em especial através da Espanha e da Itália, que da Renascença em diante tornou-se o foco das principais explorações científicas sobre o corpo e as doenças que o acometiam. (ROONEY, 2013) *Grosso modo*, as filosofias ditas orientais tendem a examinar o corpo em sua dimensão holística, enquanto as concepções ditas ocidentais geralmente dividem e examinam o corpo em partes. Fracastoro parece ter agido em síntese a esses saberes, pois a sua análise concentra-se no estudo do organismo como um todo em sua relação com o cosmos, que ele individua, por exemplo, ao falar da forma como acontecem os contágios. Seus escritos são um documento em potencial para a história das ideias médicas, e por conseguinte a história social e cultural de sua época, e, ainda, sobre como as questões da nossa época se inserem no tempo e têm ligações com o passado. Naturalmente, seus textos não devem ser lidos como uma categoria pronta e representativa de um “real” cuja existência é dada como certa e inquestionável, pois o conhecimento do passado não existe *a priori*; ele

---

tutti i modi: col calore, con l'aridità stessa e per imbibizione. Può anche provocare il sudore, volatilizzando e sciogliendo la materia, purificandola e infine, poichè è anche resinoso, può fortemente opporsi alla putrefazione e al contagio. Pare anche abbia un'altra proprietà farmaceutica, quella di rendere abitualmente il corpo libero.”

não deixa de ser uma construção condicionada pela subjetividade de quem o escreve. Compreendo, portanto, a historicidade do texto como diálogo ou mesmo entre passado e presente, e termino esse texto transcrevendo as recomendações de Fracastoro em relação às febres pestíferas, com a sensação de que sua obra, aqui muito parcialmente e brevemente apresentada, tem muito a nos dizer. Não só contribuiu para a medicina italiana do seu tempo, como também nos deixa uma mensagem para os cuidados com o corpo e com a saúde coletiva no nosso tempo:

Muito maior preocupação e atenção, tanto na vida pública quanto na privada, devem ser dadas para as febres chamadas pestilentas, caso os médicos e outras pessoas quiserem ter coragem de estar em contato com os afetados sem medo. É por isso que muitos doentes morrem miseravelmente, abandonadas por todos. [...] Portanto, tudo o que tem uma ação preventiva não deve ser esquecido. De fato, será bom, em primeiro lugar, não ser infectado por essa febre, já que aqueles que são afetados na maioria das vezes morrem. Portanto, se a pestilência ocorreu devido ao vício do ar, o que raramente ocorre, não há remédio mais saudável do que a fuga, a busca por um ar mais saudável. Se isso não puder ser feito, porque de fato nem sempre pode-se deixar as cidades, os móveis, a casa, os familiares, pelo menos tente purificar o ar com os meios indicados anteriormente.

Será benéfico incendiar campos de restolho e as florestas intactas e queimar os bosques sagrados.

Considere também que, se o contágio for trazido à sua região vindo de outra, feche as janelas que estão voltadas a esta e morem nas partes opostas da casa. Você terá que evitar qualquer surto de contágio, madeira, roupas e tudo o que serviu às vítimas da peste. Por esse motivo, agem com muita sabedoria os estados que, por uso e leis, garantem que todos os móveis da casa infectada sejam queimados e satisfazem os herdeiros às custas do tesouro público. Vimos no ano de 1511, quando Verona estava ocupada pelos alemães, que, depois de irromper uma pestilência pela qual morreram cerca de dez mil homens, por causa de um casaco de pele morreram não menos de vinte e cinco alemães: um morreu, outro usava esse casaco e depois outro ainda, até que foram alertados por causa de tantos mortos e queimaram o casaco. Importante observar também o ar do ambiente em que o doente vive. As portas e janelas devem ser abertas, sobretudo as que estão voltadas para o norte; perto do paciente devem ficar flores e frutas perfumadas e refrescantes, rosa, alfeneiro, nenúfar, violeta, cedros, limões, maçãs, pêra, marmelo selvagem, pêssegos. Devem ser feitos sufumígios de água de rosas, cânfora, cravos. Tente, se puder, não visitar nenhum doente, escapar das aglomerações de pessoas, ficar em uma casa limpa e bem ventilada. Você não deve se aquecer demais para não abrir os poros e predispor-los a acolher o contágio. Para que o ar que você respira entre mais puro, você deve sempre manter na boca grãos de zimbro ou raiz de gengiana, galanga ou madeira de cássia, noz-noscada ou semente de cedro. Toque também as narinas com uma esponja embebida em vinagre ou água de

rosas. Use roupas muito limpas, não de lã, se puder, mas de seda e troque-as com muita frequência. [...] não quero nem o excesso nem a comida escassa, mas uma alimentação normal. De fato, todas as mudanças incomuns, em toda e sobretudo nesta doença, são em grande parte reprovadas desde a época de Hipócrates<sup>23</sup>. (1950, p. 103-104)

## REFERÊNCIAS

D'AURIA, Federica. Il poeta della sifilide e la logica del contagio. In: *Medici rivoluzionari. La scienza medica a Padova dal Duecento alla Grande Guerra*. (a cura della redazione de Il Bo live). Padova: Università degli Studi di Padova, 2019. p. 59-63.

\_\_\_\_\_. *Sifilide ossia del mal francese*. Traduzione, introduzione e note Fabrizio Winspeare. Firenze: Leo S. Olschki, 1955.

\_\_\_\_\_. *Il contagio, le malattie contagiose e la loro cura*. Traduzione, introduzione e note Vincenzo Busacchi. Firenze: Leo S. Olschki, 1950.

\_\_\_\_\_. *Trattado inedito sulla sifilide*. (a cura di Francesco Pellegrini). Verona: Tipografia Veronese, 1939.

---

<sup>23</sup> Premura di gran lunga maggiore e attenzione si debbono avere tanto nella vita pubblica che nella vita privata per quelle febbri che si dicono propriamente pestilenziali, qualora i medici e altre persone vogliano avere l'ardire di stare a contatto senza timore con quelli che ne sono colpiti. Per questo molti malati muoiono miseramente, abbandonati da tutti. [...] Non bisogna quindi tralasciare tutto quanto ha un'azione preventiva. Sarà bene infatti in primo luogo non esserne infettati poiché chi ne è colpito il più delle volte muore. Dunque se la pestilenza sia avvenuta per vizio dell'aria, il che avviene raramente, allora non vi è rimedio più salutare (come è proverbiale) della fuga, della ricerca dell'aria più salubre. Se ciò non si può fare, infatti non si possono abbandonare sempre le città, le suppellettili, la casa, i familiari, almeno cerca di purificare l'aria con i mezzi precedentemente indicati.

Gioverà incendiare largamente i campi delle stoppie e le foreste intatte e bruciare i boschi sacri. Tieni presente anche, se il contagio è portato alla tua da un'altra regione, di chiudere le finestre che stanno di fronte a questa e abitare le parti opposte della casa. Dovrai evitare ogni focolaio di contagio, legna, vesti e tutte le cose che servirono agli appestati. Per questo agiscono molto saggiamente quegli stati che per uso e leggi provvedono che tutta la suppellettile della casa infetta venga bruciata e soddisfano gli eredi a spese del pubblico erario. Vedemmo nell'anno 1511, quando Verona era occupata dai tedeschi, che essendo scoppiata una pestilenza per la quale morirono circa 10.000 uomini, per una pelliccia morirono non meno di 25 tedeschi: morto uno, un altro indossava quella pelliccia e poi un'altro ancora, finché messi sull'avviso da tanti morti, bruciarono la pelliccia. Nè meno ci si deve guardare dall'aria dell'ambiente in cui vive un malato. Siano quindi aperte le porte e le finestre, soprattutto quelle che sono volte a settentrione, presso il malato si trovino fiori e frutti profumati e rinfrescanti, rosa, ligustro, ninfea, viola, cedri, limoni, mele appie, pero, cotogno selvatico<sup>23</sup>, pesche. Si facciano suffumigi di acqua rosata, canfora, garotani. Cerca, se puoi, di non visitare alcun malato, di sfuggire gli agglomerati di persone, restare in una casa che sia pulita, che sia giustamente ventilata. Non ti devi riscaldare molto per non aprire i pori e predisporli ad accogliere il contagio. Affinché quell'aria che si inspira entri più pura, tu tieni sempre in bocca grani di ginepro o di radice di genziana o di galanga o legno di cassia o di macer o seme di cedro. Tocca pure le narici con una spugnetta infusa di aceto o di acqua di rosa. Indossa indumenti pulitissimi, non di lana se puoi, ma di seta e mutali assai spesso. Non posso lodare coloro che cercano di dimagrire col digiuno, poiché vuotano le vene e le predispongono ad attirare il contagio. Tuttavia non voglio nè la crapula, nè il vitto parco ma un'alimentazione normale. Infatti tutti i mutamenti insoliti, in tutte e soprattutto in questa malattia, sono generalmente disapprovati fin dal tempo di Ippocrate.

- HENDERSON, John. Fracastoro, il legno santo e la cura del 'mal francese'. In: PASTORE, Alessandro; PERUZZI, Enrico. (orgs.) *Girolamo Fracastoro. Fra medicina, filosofia e scienze della natura*. Atti del Convegno Internazionale di studi in occasione del 450 anniversario della morte (Verona-Padova, 9-11 ottobre 2003). Firenze: Istituto e Museo di Storia della Scienza, 2006. p. 73-89.
- LE GOFF, Jacques. *As doenças têm história*. Tradução Laurinda Bom. Lisboa: Terramar, 1985.
- MADERNA, Erika. *Medichesse. La vocazione femminile alla cura*. 3<sup>a</sup> ed. Sansepolcro: Aboca Museum, 2017.
- MANN, Nicholas. *Renascimento*. Tradução Alexandre Martins. Barcelona: Folio, 2006.
- MILZA, Pierre. *Storia d'Italia*. Milano: Corbaccio, 2006.
- PASTORE, Alessandro; PERUZZI, Enrico. (orgs.) *Girolamo Fracastoro. Fra medicina, filosofia e scienze della natura*. Atti del Convegno Internazionale di studi in occasione del 450 anniversario della morte (Verona-Padova, 9-11 ottobre 2003). Firenze: Istituto e Museo di Storia della Scienza, 2006.
- PELLEGRINI, Francesco. *Vita di Girolamo Fracastoro con la versione di alcuni suoi canti*. Verona: Stamperia Valdonega, 1952.
- PORTER, Roy. *Cambridge. História da medicina*. Tradução Geraldo Gomes da Cruz e Sinara Oliveira Leite. Rio de Janeiro: Revinter, 2006.
- POUCHELLE, Marie-Christine. Medicina. Tradução Mário Jorge da Motta Bastos. In: LE GOFF, Jacques; SCHMITT, Jean-Claude. *Dicionário temático do Ocidente medieval*. (coord. da tradução: Hilário Franco Júnior) São Paulo: Imprensa Oficial/EDUSC, 2002. p. 151-164.
- ROONEY, Anne. *A história da medicina*. Tradução Maria Lúcia Rosa. São Paulo: M. Books do Brasil, 2013.
- ROSA, Alberto Asor. *Letteratura Italiana. vol. 19. Dizionario degli autori D-M*. Torino: Giulio Einaudi, 2008.
- WINSPEARE, Fabrizio. Introduzione. In: FRACASTORO, Girolamo. *Sifilide ossia del mal francese*. Firenze: Leo S. Olschki, 1955.
- ZAMPIERI, Fabio. Il fato beffardo del padre della deontologia medica. In: REDAZIONE DEL BO LIVE. *Medici rivoluzionari. La scienza medica a Padova dal Duecento alla Grande Guerra*. Padova: University Press, 2019. p. 45-52.